


Machado de Assis e a experiência da historicidade: sobre historiadores assombrados e a presença fantasmagórica do passado em Casa Velha

Machado de Assis and the experience of historicity: haunted
historians and the phantasmagorical presence of the past in
Casa Velha

André da Silva Ramos ^a

E-mail: andramos7@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4624-4524> 

^a Universidade do Estado de Minas Gerais,
Departamento de Ciências Humanas,
Carangola, MG, Brasil

RESUMO

Neste artigo, exploro como Machado de Assis (1839-1908) articula, em *Casa Velha* (1885-1886), percepções relativas à experiência da historicidade e da escrita da história que tensionavam com as perspectivas vigentes na cultura de história no Brasil do século XIX. A intenção é abordar como a produção literária do escritor possibilita o diálogo com as reflexões contemporâneas nos campos da teoria e da história da historiografia que apontam para a (im)possibilidade de o passado passar, evidenciando a sua presença/ausência espectral. Nesse sentido, procuro explorar como se, por um lado, em *Casa Velha*, as figurações da historicidade e da escrita historiográfica pressupõem a crise do conceito moderno de história; por outro, apontam para a impossibilidade de uma ruptura completa, sendo a sua própria presença a condição para a imaginação literária. Por fim, reflito como o assombramento do passado em *Casa Velha* se conecta a outros escritos do autor e é análogo ao assombramento provocado por Machado na cultura de história brasileira contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Historicidade. Clima histórico. Presença.

ABSTRACT

This article explores how Machado de Assis (1839-1908) articulates the perceptions of the experience of historicity and the writing of history, which were in tension with the dominant perspectives on the culture of history of the nineteenth-century Brazil, in the work *Casa Velha* (1885-1886). With this end, the article aims to develop how the literary production of the author establishes a dialogue with contemporary studies on the Theory of History and History of Historiography that indicate the (im)possibility of the past to pass, evincing its present/absent spectral performance. The focus is to analyze how the figurations of historicity and the writing of history in *Casa Velha* imply the crisis of the modern concept of history while suggesting the impossibility of a complete rupture, so that its presence denotes the condition for the historical literary imagination. The article also discusses how the haunting experience of the past in the work is connected to other writings of the author, relating to the haunting evoked by him in the contemporary Brazilian culture of history.

KEYWORDS

Historicity. Historical moods. Presence.

Introdução

As discussões contemporâneas no âmbito da teoria da história e história da historiografia sobre as complexidades relativas às performances do tempo histórico têm se intensificado na última década em escala global. As discussões relativas à simultaneidade do não simultâneo (KOSELLECK, 2006), à presença do passado (GUMBRECHT, 2012; ANKERSMIT, 2005; RUNIA, 2014; ARAUJO, 2013; RANGEL, 2019), ao caráter fantasmagórico da experiência histórica (FANON, 2008; KLEINBERG, 2017; MBEMBE, 2017; BEVERNAGE, 2018) ou sobre a impossibilidade de se normatizar um diagnóstico sobre a historicidade contemporânea (ARAUJO e PEREIRA, 2018; TURIN, 2019) evidenciam a riqueza dos debates que perpassam a teoria da história e a história da historiografia.

Um ponto comum a todas essas abordagens perpassa o afastamento da compreensão de tempo histórico linear e evolutivo característico da modernidade, tendo em vista as frustrações produzidas pelas utopias de progresso emancipatórias. Nesse sentido, perante à impossibilidade de adesão à crença em um futuro utópico redentor, está colocado o desafio a respeito da necessidade de elaboração de projetos de futuro que sejam capazes de acolher outras formas de articulação de passados que não pressuponham o controle e a domesticação (DERRIDA, 1994, 2001; ARAUJO, 2013; KLEINBERG, 2017; RANGEL, 2019). Desse modo, o descontentamento com relação às percepções modernas futuristas de história e aos diagnósticos conformistas a respeito de um presente absoluto nos motiva a dialogar com outras formas de elaboração da historicidade.

Perante à demanda do diálogo com experiências de história não hegemônicas no âmbito historiográfico, neste artigo proponho explorar como Machado de Assis (1839 – 1908) evoca em *Casa Velha*,¹ folhetim publicado entre 15 de janeiro de 1885 e 28 de fevereiro de 1886 no periódico *A Estação*,² o assombramento do historiador ante ao passado, com o objetivo de apontar para os tensionamentos entre o entendimento das performances da historicidade pelo escritor com relação às variedades de percepções em disputa na cultura de história em vigor no Brasil no século XIX.³ Nesse sentido,

¹ Não há um consenso a respeito do gênero de *Casa Velha*. A obra já foi categorizada como conto, novela e romance, debate que extrapola o escopo deste artigo. Na edição das obras completas pela Editora Nova Aguilar (2015) foi inserida na seção de contos.

² O folhetim foi resgatado por Lúcia Miguel Pereira, sendo publicado em livro em 1944. Como a utilização da versão em folhetim não altera a argumentação apresentada, optei por trabalhar com a reedição de Pereira a que tenho acesso, publicada em 1952.

³ Sigo a argumentação de João Paulo Pimenta e colaboradores a respeito das dimensões inconscientes

abordo como *Casa Velha* se apresenta resistente a uma compreensão de tempo histórico linear e evolutivo normalizada no Brasil, apesar de não romper plenamente com os paradigmas de articulação da historicidade hegemônicos e representacionais da cultura de história e historiográfica em vigor no século XIX.

A presente reflexão é movida pela necessidade contemporânea de problematizarmos os limites da disciplinarização do discurso historiográfico perante a multiplicação de narrativas e experiências que pressupõem formas variadas de articulação e apresentação do passado (AVILA; NICOLAZZI; TURIN, 2019; SALOMON, 2018). No âmbito dos estudos em teoria da história e história da historiografia, as discussões a respeito dos impactos não conceituais relativos à presença do passado, ou seja, de como o passado tem o potencial de suspender a atribuição de sentido e tocar os nossos corpos e sentimentos através de climas, provocando disjunções relativas à continuidade e descontinuidade histórica, coloca em destaque os limites das reflexões disciplinares que estabelecem de forma normativa que o passado passou (GUMBRECHT, 2012; RUNIA, 2014; ANKERSMIT, 2005; KLEINBERG, 2017; BEVERNAGE, 2018; ARAUJO, 2013; RANGEL, 2019).

É fundamental reiterar a demanda de reflexão contínua sobre as implicações éticas a respeito da presença do passado, ou melhor, problematizarmos como essa presença em muitas situações configura-se como inexorável, desconfortável e se relaciona diretamente com traumas compartilhados socialmente (LACAPRA, 2014). Nesse sentido, a despeito do interesse dos indivíduos em se enredarem em determinados climas do passado, existem passados que subvertem os interesses de sujeitos, classes, etnias, nações, disciplinas, ao instaurarem sua performance fantasmagórica, que dizem respeito a eventos e processos cujos efeitos são impassíveis de serem domesticados ou esquecidos (DERRIDA, 1994; BEVERNAGE, 2018; KLEINBERG, 2017).

Neste artigo, procuro demonstrar como Machado de Assis evocou essa performance fantasmagórica do tempo histórico, confrontando as principais tendências da cultura de história do século XIX relativas à historicização/exorcização do passado. Na segunda seção, exploro como o enredo de *Casa Velha* se constituiu como uma reação à cultura de história do século XIX e aos princípios disciplinares relativos à escrita da historiografia moderna. Na terceira seção, abordo, em interlocução com a leitura de críticos especialistas na obra de Machado, sua relação ambivalente com o conceito

e da tensa constituição em meio à esfera pública da "cultura de história", disputada por historiadores e diversos agentes sociais (PIMENTA *et al.*, 2014).

moderno de história. Por fim, reflito como o assombramento do passado em *Casa Velha* se conecta a outros escritos do autor e é análogo ao assombramento provocado por Machado na cultura de história brasileira contemporânea.

Sobre o assombramento do passado e a (im)possibilidade de sua representação historiográfica em Casa velha

Não faltavam motivos para o público leitor brasileiro do último quartel do século XIX ter interesse em *Casa Velha*, folhetim publicado entre 1885 e 1886, no periódico *A Estação*, uma vez que a presença de D. Pedro I no imaginário nacional gerava muitas polêmicas. Oscilando entre fundador de um novo Império e déspota, a inauguração de sua estátua equestre na antiga Praça do Rocio, em 1862, aqueceu os debates na imprensa (SILVA, 2014). Polêmicas das quais o próprio Machado participou na década de 1860, no periódico *Diário do Rio de Janeiro*, a partir de uma perspectiva liberal moderada, crítica à monumentalização do primeiro imperador (MACHADO DE ASSIS, 2015a, p. 66-67). A escrita da história do primeiro reinado em 1839, como apresentado em *Casa Velha*, era de fato um grande desafio. Os dirigentes do recém-criado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) à época, fundado em 1838, cuja produção Machado bem conhecia (ROCHA, 2001; MASSA, 2001), optaram por deixar para a posteridade a escrita da história contemporânea, mas o narrador-personagem de *Casa Velha* não hesitou em tentar tal feito.⁴

Em meio às resistências à monumentalização da memória de D. Pedro I, não era incomum, em meio aos letrados brasileiros ao longo do século XIX, a valorização da importância da sua atuação como central para a formação de um novo Império. Como José da Silva Lisboa demonstra em sua *História dos Principais Sucessos Políticos do Império do Brasil* (1826), obra escrita a partir de um diálogo intenso com a tradição historiográfica moderna britânica, D. Pedro I representava a permanência positiva do legado civilizacional português, que, apesar de controverso, possibilitou ao novo Império a herança de uma monarquia constitucional, uma língua e uma religião (SILVA, 2010; ARAUJO, 2010). Inevitavelmente, tais argumentos eram relevantes para a defesa da inauguração da estátua na década de 1860. Por outro lado, não faltariam argumentos com fundamentação historiográfica que reivindicassem o oposto. Na obra *History of Brazil* (1836) escrita pelo letrado britânico John Armitage, Dom Pedro I foi representado como um déspota que materializava todas as permanências bárbaras do passado português,

⁴ Para uma diferenciação da concepção de história dos sócios do IHGB, Capistrano de Abreu e Machado de Assis, confira o trabalho de Raquel Campos (2016).

interpretação cara a muitos liberais moderados brasileiros próximos a Armitage, como Evaristo da Veiga, que via a abdicação de D. Pedro I em 1831 como o fim do legado despótico colonial (VARELLA, 2011).

O IHGB adotou, em seus primeiros anos, o princípio de legar à posteridade a escrita da controversa história contemporânea e se comprometeu com a coleta de documentos para tal empreitada (GUIMARÃES, 1995). A fundação do Instituto foi impulsionada pelo interesse do Estado e dos letrados ligados ao projeto de centralização do Império em confrontar a pluralização de representações sobre o passado com a produção de narrativas históricas fundadas em garantias epistemológicas de verdade, como a crítica documental e a distância temporal do historiador do passado tomado como objeto de investigação. A pluralidade de perspectivas historiográficas vigorou no Instituto desde os primeiros anos da sua fundação e o debate entre os pares era uma das garantias da produção de um conhecimento que se queria superior à partidarização política em vigor na imprensa (GUIMARÃES, 2011; OLIVEIRA, 2011; ARAUJO, 2008, 2015; ARAUJO, CEZAR, 2018; CEZAR, 2018).

No último quartel do século XIX, os critérios de objetividade historiográfica aprofundaram-se no que diz respeito à necessidade de mobilização de teorias científicas de vanguarda. A demanda pela apropriação das teorias evolucionistas que visavam à explicação do caráter diverso do povo e da natureza constitutiva da nação e do seu passado obscuro e profundo foi pressuposto fundamental para interlocutores de Machado, como Capistrano de Abreu e Silvio Romero (PINHA, 2012; TURIN, 2013).

Em face às demandas por objetividade requeridas pela escrita historiográfica ao longo do século XIX, Machado dá voz a um padre-historiador ascético em *Casa Velha*, que já envelhecido e então Cônego da Capela Imperial narra os seus percalços:

— Não desejo ao meu maior inimigo o que me aconteceu no mês de abril de 1839. Tinha-me dado na cabeça escrever uma obra política, a história do reinado de D. Pedro I. Até então desperdiçara algum talento em décimas e sonetos, muitos artigos de periódicos, e alguns sermões, que cedia a outros, depois que reconheci que não tinha os dons indispensáveis ao púlpito. No mês de agosto de 1838 li as Memórias que outro padre, Luís Gonçalves dos Santos, o padre Perereca chamado, escreveu do tempo do rei, e foi esse livro que me meteu em brios. Achei-o seguramente medíocre, e quis mostrar que um membro da igreja brasileira podia fazer coisa melhor.

Comecei logo a recolher os materiais necessários, jornais, debates, documentos públicos, e a tomar notas de toda a parte e de tudo. No meado de fevereiro, disseram-me que, em certa casa da cidade, acharia, além de livros, que poderia consultar, muitos papéis manuscritos, alguns reservados, naturalmente importantes, porque o dono da casa, falecido desde muitos anos, havia sido ministro de Estado. Compreende-se que esta notícia me aguçasse a curiosidade. A casa, que tinha capela para uso da família e dos moradores próximos, tinha também um padre contratado para dizer missa aos domingos, e confessar pela quaresma: era o rev. Mascarenhas. Fui ter com ele para que me alcançasse da viúva a permissão de ver os papéis (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 29-30).

O próprio padre-historiador narra como se deu o processo de elaboração do projeto de escrita da sua história. Demonstra-se crítico à concepção de história cara à tradição do reformismo ilustrado luso-brasileiro, na qual se insere o padre Luiz Gonçalves dos Santos. *As Memórias para Servir à História do Reino do Brasil* (1825) poderiam tê-lo decepcionado pela pouca documentação empregada, insuficiente cor local ou fidelidade ao monarca (ARAUJO, 2009; ROSA, 2011), características que tensionavam com o gosto da primeira geração romântica brasileira (RANGEL, 2011). De imediato, podemos perceber a importância conferida à documentação para a escrita da história e às consequentes demandas concernentes à disciplinarização da experiência no contexto estudado. A pesquisa histórica necessitava da aprovação da viúva do ministro de Dom Pedro I, responsável por monumentalizar a memória do marido. Dessa forma, *Casa Velha* se inicia com a tensão entre a escrita historiográfica – que parte da revisão crítica das obras históricas precedentes e da investigação de documentos – e a memória do estadista monumentalizada.

A narrativa de *Casa Velha* perpassa as condições de possibilidade da escrita historiográfica. Após insistir muito, o padre Mascarenhas logrou êxito em sua solicitação de acesso ao arquivo e à biblioteca, que se encontravam na casa da viúva do ex-ministro de Dom Pedro I. O acesso foi assegurado mediante a promessa à viúva pelo padre Mascarenhas de “que nada perdia do devido respeito à memória do marido consentindo que alguém folheasse uma parte da biblioteca e do arquivo, uma parte apenas” (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 33). A monumentalização da memória do ministro de Dom Pedro I estava em harmonia com a espacialidade que lhe era coetânea. A residência fora edificada em 1780 pelo avô da viúva, que, ao voltar da Europa, “trouxe ideias de solar e costumes fidalgos” (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 40), característicos de uma casa “sólida e vasta, [de] gosto severo, nua de adornos” (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 33). Na pequena capela situada nas dependências da casa, os vizinhos, “em

geral pobres, de todas as idades e cores”, iam rezar aos sábados e assistir às missas aos domingos (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 33-34).

Chegando na casa, o jovem padre fora bem acolhido pela família do ex-ministro, que jazia sepultado na capela. Foi de imediato convidado para o almoço pela viúva e o clima da casa o impactava de forma desconfortável:

A verdade é que me sentia tolhido. Casa, hábitos, pessoas davam-me ares de outro tempo, exalavam um cheiro de vida clássica. Não era raro o uso de capela particular; o que me pareceu único foi a disposição daquela, a tribuna de família, a sepultura do chefe, ali mesmo, ao pé dos seus, fazendo lembrar as primitivas sociedades em que florescia a religião doméstica e o culto privado dos mortos. Logo que as senhoras saíram da tribuna, por uma porta interior, voltamos à sacristia, onde o padre Mascarenhas esperava com o coronel e os outros. Da porta da sacristia, passando por um saguão, descemos dois degraus para um pátio, vasto, calçado de cantaria, com uma cisterna no meio. De um lado e outro corria um avarandado, ficando à esquerda alguns quartos, e à direita a cozinha e a copa. Pretas e moleques espiavam-me, curiosos, e creio que sem espanto, porque naturalmente a minha visita era desde alguns dias a preocupação de todos. Com efeito, a casa era uma espécie de vila ou fazenda, onde os dias, ao contrário de um rifão peregrino, pareciam-se uns com os outros; as pessoas eram as mesmas, nada quebrava a uniformidade das coisas, tudo quieto e patriarcal (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 39).

A despeito de ter sido bem recebido pela viúva, dona Antônia, e por seu filho Félix, o jovem padre sentia-se incomodado com o clima vigente na casa. A arquitetura e os costumes das pessoas faziam-no sentir em outro tempo. Essa experiência foi sintetizada pela metáfora sinestésica de que tudo ali, as coisas, o espaço e as pessoas “exalavam um cheiro de vida clássica”. Provavelmente, a mesma metáfora poderia ser utilizada na sua rejeição prévia às *Memórias para Servir à História do Reino do Brasil*. O impulso de escrever a história do reinado de D. Pedro I emergia mais de uma repulsa do passado do que do desejo de fruição estética.

O jovem padre caiu nas graças de dona Antônia e sua família. A viúva facultou-lhe acesso a livros e papéis disponíveis na biblioteca e no arquivo, com algum pesar, pois “os livros e papéis do meu marido ninguém mexe neles” (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 42). Ao conversar sobre seu projeto historiográfico com dona Antônia, evidenciou como sua proposta não era fazer uma história política centrada unilateralmente nos feitos públicos de D. Pedro I e seus ministros.

A sua história também pretendia abarcar a esfera da domesticidade, portanto, o padre-historiador ressaltava a importância de dona Antônia para a realização do seu empreendimento. Ela seria uma fonte para a escrita da história em sua dimensão íntima: “Espero que me conte algumas coisas, que não de ter ficado escondidas. As histórias fazem-se em parte com as notícias pessoais” (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 42).

Justamente no contexto evocado em *Casa Velha*, por volta do final da década de 1830, diversos periódicos se dedicavam ao entretenimento e ao público feminino (JINZENJI, 2010). O jovem padre não queria escrever uma história voltada apenas para o público masculino. Queria ir além do “patriarcalismo” que tanto o incomodava e explorar como a virtude pública dos homens de Estado estava em estreita conexão com o desenvolvimento da sentimentalidade cultivada no âmbito doméstico. Desse modo, o padre-historiador demonstrou como queria escrever uma história política que fosse para além do político em um sentido clássico, que se resumia à ação virtuosa pública dos homens de Estado, adequando-se, assim, às demandas modernas relativas à dignidade da domesticidade (PHILLIPS, 1997).

O narrador-personagem foi apresentado à biblioteca pelo filho do casal, sobre o qual exerceria grande influência, devido à sua erudição. O padre-historiador apresentou-se como homem lido e curioso e se revelou ser um conhecedor de Voltaire e Rousseau. Intencionalmente, comportou-se de forma a gerar a impressão de possuir mais erudição do que de fato tinha, ao fazer comentário anedótico com Félix sobre a obra do historiador italiano Benedetto Varchi (1503-1565), *Storia Fiorentina*, presente na biblioteca, sem, de fato, tê-la lido (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 44-45). Na biblioteca do finado ministro encontrou livros de história, política, teologia, letras e filosofia, não raro em latim e italiano. Foram colocadas à sua disposição caixas de manuscritos, assim como opúsculos, jornais, relatórios e maços de papéis do ministro. O narrador-personagem descreveu os primeiros dias de sua pesquisa, à qual se dedicava com disciplina ascética. Apesar de o seu trabalho ter sido facilitado pela ajuda constante de Félix, descobriu que era mais fácil projetar a pesquisa do que executá-la (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 47).

O desafiador processo de pesquisa do padre-historiador, que só “tinha na cabeça a história de um imperador” (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 57), foi impactado pela presença de Lalau, uma jovem órfã que foi educada com os auxílios de dona Antônia desde a morte dos pais. A presença de Lalau o impactou de tal forma, que o já velho cônego no presente da enunciação encontrou dificuldades para “traduzir a sensação que essa menina produziu” (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 59).

A sua presença podia ser referida apenas de forma precária, através de metáforas, porque “toda a inocência e toda a alegria que há no céu pareciam falar por ela aos homens” (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 59). A presença da jovem fazia o padre perder completamente o foco em sua pesquisa, uma vez que “as palavras dela, suas maneiras, ingenuidade e lágrimas acudiram-me em tropel a memória” (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 82).

Logo descobriria que Félix e Lalau amavam-se. Diante das boas intenções de Félix, o padre, mesmo impactado pelo ciúme, passou então a dedicar-se arduamente para casar os jovens (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 90-91). Queria que Lalau fosse desposada por um homem digno como Félix. Ambos eram de estratos sociais distintos, o que não era um empecilho para o padre liberal-moderado, entusiasta das mudanças: “Há grande diferença social entre um e outro, mas a natureza, assim como a sociedade a corrige, também às vezes corrige a sociedade” (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 87). Dona Antônia era contrária a essa possibilidade, apesar de ter muita afeição pela garota. O seu desejo era que o padre convencesse o filho a acompanhá-lo em viagem para a Europa com o intuito de afastar o herdeiro de Lalau.

O padre entregou-se ao desafio de casar os jovens. Já não tinha mais concentração e tempo para pesquisar e escrever a sua história do primeiro reinado. Sua disciplina ascética foi confrontada pela paixão que sentia por Lalau e pelo comprometimento assumido com Félix de casá-los. Em meio a isso, acompanhou as discussões acaloradas sobre política do coronel Raimundo e de dona Antônia a respeito das regências do Padre Feijó e de Pedro de Araújo Lima, a eclosão da Farroupilha e outras revoltas regenciais.

Ante a pressão do padre para casar seu filho com a agregada, dona Antônia sugeriu em um diálogo repleto de tensões latentes o motivo real da impossibilidade de eles casarem: Lalau era filha do seu esposo. Ao deduzir que ambos eram irmãos, o padre não teve dúvidas que deveria dissuadir os jovens do casamento. Nesse momento, os espectros de um passado que o atormentava ganharam contornos mais claros no retrato do ex-ministro de D. Pedro I:

Fui dali aos livros. Ao entrar na sala deles, parei diante do retrato do ex-ministro, e mirei por alguns instantes aquela boca, que me parecera lasciva, desde que a vi pela primeira vez. E disse comigo, olhando para ele:

— Estás morto. Gozaste e descansas; mas eis aqui os frutos podres da incontinência; e são teus próprios filhos que vão tragá-los.

Estava irritado, dava-me ímpeto de quebrar alguma coisa. Sentei-me, levantei-me, fui à janela e acabei passeando ao longo da sala, com os pensamentos dispersos e confusos. Os livros arranjados nas estantes, olhavam para mim, e talvez comentavam a minha agitação com palavras de remoque, dizendo uns aos outros que eles eram a paz e a vida, e que eu padecia agora as consequências de os haver deixado, para entrar no conflito das coisas (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 134).

O padre ficou atordoado após o encontro com D. Antônia. A viúva sugeriu que uma causa absoluta impossibilitava o casamento de Félix e Lalau. A dedução que tal causa era o marido foi realizada pelo próprio padre, sendo confirmada por D. Antônia com um gesto afirmativo e por um silêncio constrangedor. Após meia hora do diálogo, o amigo da família, coronel Raimundo, chega dando notícias sobre a Farroupilha no sul do país. O coronel é representado como um homem de maneiras grosseiras por toda narrativa. Particularmente nessa cena, reage com violência à ineficiência que ele atribui à Regência em reprimir os movimentos sediciosos de Norte a Sul. O coronel bufava de raiva contra os sediciosos e estava certo da necessidade de aclamar o imperador D. Pedro II, que ainda não tinha a idade para assumir o trono abdicado por seu pai. Também tinha convicção de que o seu falecido amigo, ex-ministro de D. Pedro I, saberia como resolver a situação:

— Aquele não era paz d'alma, disse o coronel apontando para o retrato. Fosse ele vivo! Não era militar, como sabe – continuou olhando para mim –, mas era homem às direitas. Veja-me bem aqueles olhos, e diga-me se ali não há vida e força de vontade... Um pouco velhacos, é certo, acrescentou galhofeiramente.

— Tio Raimundo! suplicou Félix.

— Velhacos, repito, não o digo velhacos para trantadas, mas por amores; era maroto com as mulheres – prosseguiu rindo e esquecendo inteiramente a rebelião. Eu, quando Vossa Reverendíssima mudar de cara, e trazer outra mais alegre, hei de contar-lhe algumas aventuras dele... Veja aqueles olhos! E não imagina como era gamenho, requebrado...

Felix saiu neste ponto; eu fui sentar-me a escrivaninha; o coronel não continuou o assunto, e foi despir-se. Não me procurou mais até a hora do jantar; naturalmente porque o sobrinho o impediu de vir perturbar-me na pesquisa dos papéis, como se eu tivesse papéis na cabeça. Maroto com as mulheres! Esta palavra retiniu ali por muito tempo (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 137).

O tom violento e grosseiro do coronel, assim como o caráter lascivo atribuído ao finado ministro, se enreda às representações do Imperador D. Pedro I, não raramente descrito como um déspota intolerante, violento e infiel no casamento (VARELLA, 2011). Os efeitos fantasmáticos das ações do ministro de D. Pedro I davam contornos ao clima da casa. A presença/ausência do ministro tocava diretamente os sentimentos do padre, que ficou atordoado e desequilibrado após saber que Félix e Lalau eram filhos do finado. A sua tensão aumentava ao deparar-se com os livros organizados na biblioteca, os quais faziam parte de um clima ascético de silêncio e tranquilidade que se opunha à agitação a que ele havia sido absorvido.

A partir da perspectiva liberal-moderada, sintetizada na *History of Brazil* (1836) do britânico John Armitage, o caráter despótico de D. Pedro I tornou a sua abdicação incontornável, sendo esse evento interpretado como uma ruptura com um passado bárbaro ligado às origens medievais portuguesas (VARELLA, 2011). Se, por um lado, na concepção do narrador-personagem, a monarquia conduzida por homens intolerantes, violentos e lascivos era indesejável; por outro, o republicanismo e sua ameaça à unidade do Brasil também trazia muitas angústias. Dessa forma, *Casa Velha* deixa em estado latente como a experiência histórica imperial se constituiu pressionada pelo impulso de evitar tanto os excessos do despotismo, que remetia a um passado colonial inacabado, quanto os excessos separatistas do republicanismo, que era outro fantasma (LYNCH, 2014).

O passado inacabado em sua latência impedia que o jovem padre-historiador escrevesse a história do reinado de D. Pedro I. O seu próprio objeto de estudo tomava posse do seu humor e impossibilitava tanto a realização da representação historiográfica, quanto a consolidação do matrimônio entre os jovens. A complexidade dos confrontos inerentes à experiência da historicidade evocada em *Casa Velha* não é estranha à reflexão contemporânea no âmbito da teoria por Eelco Runia, que tematiza a interface entre a presença do passado e a escrita historiográfica, e problematiza a dualidade da separação sujeito *versus* objeto: “O conhecimento histórico pode ser determinado – a um grau quase impossível de imaginar – *pelo objeto* de pesquisa. Ou, para ser mais sucinto: o historiador pode ser o brinquedo de seus objetos, e não o contrário” (RUNIA, 2014, p. 48). Apesar dos desconfortos que essa afirmação pode gerar, certamente inconcebível na historiografia disciplinar do século XIX, sua pertinência se constitui perante a presença das testemunhas dos genocídios do século XX e a judicialização da memória na contemporaneidade (ROUSSO, 2016; BEVERNAGE, 2018). Entretanto, a despeito das resistências fantasmagóricas do passado, o jovem padre-historiador vislumbrou esperançosamente o futuro com base

na descoberta de um documento no arquivo, “um achado que transtornou tudo”, que possibilitaria a historicização/exorcização do passado:

Estava recolhendo tudo, quando dei por falta de uma nota tomada naquele dia; não era fácil reproduzir a nota, pois não a havia tirado de uma só página nem de um só livro, mas de muitos livros diferentes. O caso aborreceu-me; procurei o papel atabalhoadamente; depois recomecei com cuidado. Abria os livros com que trabalhara nesse dia, um por um, mas não achava nada. Vim achar a nota, depois, ao pé da grade da janela, prestes a cair.

Entre os livros que folheei, procurando, achava-se um relatório manuscrito, que eu lera apenas em parte, não o tendo feito na que continha tão-somente a transcrição de documentos públicos. Pegando no livro pela lombada, e agitando-o para fazer cair a nota, se ali estivesse, vi que efetivamente caía um papelinho.

Vinha dobrado, e vi logo que era por letra do ex-ministro. Podia ser alguma coisa interessante, para os meus fins. Era um trecho de bilhete a alguma mulher, cujo nome não estava ali, e referia-se a uma criança, com palavras de tristeza. Podiam ser outros amores; podiam ser os próprios amores da mãe de Lalau. Hesitei em guardar o papel, e cheguei a pô-lo dentro das folhas do relatório; mas tornei a tirá-lo, e guardei-o comigo.

Reli-o em casa; dizia esse trecho do bilhete, que provavelmente nunca foi acabado nem remetido:

“Tenha confiança em mim, e ouça o que lhe digo. Não faça barulho, sossegue e não fale sempre no meu nome. Venha cá o menos que puder; e não pense mais no anjinho. Deus é bom” (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 153-154).

Não sabendo interpretar esse documento, o padre-historiador foi inquirir a tia de Lalau, dona Mafalda, que confirmou a relação entre a sua cunhada, a mãe de Lalau, e do finado ministro. Todavia, fez uma revelação: a primeira vez que o ministro a viu foi quando Lalau já tinha três meses. Portanto, a garota não era filha do ex-ministro. Para confirmar a descoberta, o jovem padre-historiador confrontou a versão com outras informações dadas pela testemunha, que não entrou em contradição. Por fim, D. Mafalda ainda esclarece o trecho final do bilhete encontrado e conta ao padre que a mãe de Lalau teve um filho com o ex-ministro, mas o bebê viveu apenas quatro meses.

O padre imediatamente solicitou um encontro com D. Antônia, que ficou estarecida ao saber da história, que corroía a memória monumentalizada da Casa Velha. Ela confessou que desconhecia as aventuras extraconjugais do marido e inventou a filiação de Lalau para evitar o casamento contrário às expectativas nobiliárquicas da família abastada. Após o baque da notícia, D. Antônia concordou em reparar o seu erro e permitir o casamento do filho e pediu que o padre contasse toda a verdade para Félix e Lalau.

Logo, o padre podia acreditar que: “[t]udo parecia caminhar para a luz, para o esquecimento, e para o amor”, ou melhor, que “o passado está passado” (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 160). A verdade histórica comprovada documentalmente e certificada por uma testemunha dos acontecimentos passados possibilitava a abertura do futuro, a consolidação do amor entre Félix e Lalau. Entretanto, a reação da agregada surpreenderia a todos.

Após receber a notícia, Lalau ratificou que “nada estava alterado, a situação era a mesma” (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 160). O padre ficou “exasperado”, “aborrecido” e “ofendido” com a reação da agregada. Após suas insistências, veio a explicação: “não poderia casar-me com o filho do mesmo homem que envergonhou minha família... Perdão; não falemos nisto. Olhei assombrado para ela” (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 161). Tal assombro alude à reação sensorial ante a impossibilidade de historicizar/exorcizar os espectros do passado.

O padre ainda fez algumas tentativas de conciliação ao solicitar que a tia a convencesse, pois ainda acreditava que “o passado é passado. Cuidemos agora do presente e do futuro” (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 162). Porém, Lalau não cedeu. Assim como não cedeu à visita de Félyx, a despeito de ter se comovido. Lalau incitou o filho do Segeiro, Vitorino, a pedi-la em casamento e prontamente aceitou. Felix ficou abalado, “mas nada há eterno neste mundo” (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 165), e ele casou-se com a jovem Sinhazinha, herdeira de fazendas e neta de baronesa. Desse modo, o desfecho traiu todas as expectativas do padre-historiador de que, através da restituição da verdade histórica documentalmente comprovada, o passado pudesse ser superado e o futuro aberto.

Sobre as ambivalências da experiência da história e do discurso historiográfico em *Casa Velha*

É necessário enfatizar a importância da interpretação de John Gledson sobre *Casa Velha* no livro *Machado de Assis: Ficção e História*, no qual o autor analisa como a produção ficcional de Machado se presta à representação de contextos e processos próprios à história do Brasil. De fato, Gledson explora de forma competente os significados históricos inter-relacionados com eventos importantes que se passaram no Primeiro Reinado e nas Regências, sobretudo como Machado representa o patriarcalismo como uma característica definidora da sociedade brasileira em *Casa Velha* (GLEDSON, 2003, p. 37-72).

Contudo, *Casa Velha* não se reduz à sua dimensão representacional. Machado se mostra engajado em explorar os limites das representações e como as dinâmicas do tempo histórico e dos afetos se constituem como condições de (im)possibilidade da narrativa historiográfica. Afinal, o padre-historiador possuía acesso aos arquivos, clareza sobre os métodos de pesquisa a serem adotados, tinha um vasto conhecimento bibliográfico, compreendia as tradições filosóficas e historiográficas nacionais e europeias em suas tendências iluministas e românticas, advogava perspectivas políticas liberais moderadas e ainda contava com a ajuda de um assistente, o que não foi suficiente para alcançar o seu fim último, que era a historicização/exorcização do passado.

Ao procurar explorar a representação de contextos e processos da história brasileira a partir da produção ficcional de Machado, Gledson coloca a necessidade da representação histórica como o fim último da produção literária de Machado. Para Gledson, a obra de Machado não representou, com mais clareza, o processo de formação e consolidação da nação porque o letrado não teria à sua disposição uma tradição historiográfica consolidada (GLEDSON, 2003, p. 293-318). Todavia, o acúmulo de estudos contemporâneos no âmbito da história da historiografia aponta as variedades do discurso histórico em vigor no Brasil do século XIX, evidenciando que não faltavam narrativas e macronarrativas de formação disponíveis sobre a história da nação (GUIMARÃES, 1995; GUIMARÃES, 2011; ARAUJO, 2008, 2015; ARAUJO e CEZAR, 2018; CEZAR, 2018; OLIVEIRA, 2011; TURIN, 2013; CAMPOS, 2016). Por sua vez, Machado demonstra conhecer em seus escritos para a imprensa a obra de diversos historiadores nacionais e estrangeiros, especialmente a produção dos membros do IHGB.

Por isso, torna-se necessário enfatizar a relação ambivalente de Machado com o conceito moderno de história, já que o autor procurou tensionar os horizontes de

sentido que conformaram as culturas de história do século XIX. Machado engajou-se na corrosão de concepções que normalizam as ideias de sujeito uno e solar, da representação como especularidade do real e do tempo histórico como progresso linear-evolutivo, constituído por uma sequência de "agoras". Nesse sentido, Alfredo Bosi explora a relação de Machado com o conceito moderno de história com base na leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), considerada por muitos críticos da sua obra como uma ruptura com a primeira fase da carreira do autor (SCHWARZ, 1981, 1997; ROCHA, 2013; PALTÍ, 2014), identificada a princípios de representação caros ao romantismo:

As filosofias então correntes na Europa, no Brasil e onde quer que chegasse a cultura do Ocidente europeu ensinavam a crer no sentido da História que os homens, voluntariamente ou não, tinham criado. Esta teleologia universal absorvia e, no percurso, subestimava as diferenças pessoais eliminando do sistema a questão crucial que as religiões se esforçaram milenarmente por solucionar: o porquê do mal no coração dos homens.

Para Machado, porém, qualquer forma de otimismo cósmico ou histórico devia soar como imponente ilusão. O delírio de Brás Cubas com a sua regressão à origem dos tempos e o encontro com a Natureza madrasta é a contra-alegoria de todas as ideologias progressistas. O fundamento destas é a positividade crescente do tempo. Machado diz o contrário (BOSI, 2003, p. 156).

De forma semelhante, Silviano Santiago explora a relação de tensão entre a mesma obra e o conceito moderno de história:

Em delírio, o romancista Machado acentua e celebra a grande farsa que a história do homem no Ocidente promove e significa desde sempre e para sempre. Como o náufrago recorre à tábua salva-vidas que nunca se materializa no abismo profundo dos oceanos, é para sobreviver que o ser humano inventa a Esperança ou a quimera da felicidade. Transforma-se em historiador. O sujeito singular que usurpa a História não almeja ser o Civilizador tal como idealizado pelos mestres do pensamento filosófico no século XIX. Não quer sofrer e se sacrificar ainda mais em benefício de valores universais abstratos, ainda e sempre injustos (SANTIAGO, 2016, p. 369).

Alfredo Bosi e Silviano Santiago não exploram somente a dimensão corrosiva da obra de Machado a partir das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, não desabonando,

desse modo, as interpretações consolidadas que aproximam o autor do paradigma de representação realista (SCHWARZ, 1997; GLEDSON, 2003; CHALHOUB, 2003), por sua vez, problematizado por Gustavo Bernardo e Daniel Pinha, que, além de desconstruírem a compreensão do autor como realista (BERNARDO, 2011; PINHA, 2012), procuram aprofundar os entrelaçamentos entre as fases de sua carreira, argumentando a propósito de uma não separação estanque (BERNARDO, 2016; PINHA, 2012). Ora, como a relação disruptiva de Machado com o conceito moderno de história é vista por Bosi e Santiago como uma característica decisiva para o entendimento de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, torna-se uma questão fundamental compreender a relação ambivalente do autor com essa compreensão da historicidade, uma vez que seria reducionista apenas enfatizarmos a dimensão corrosiva. Sendo assim, a leitura de Alfredo Bosi de *Casa Velha* possibilita a qualificação do debate. Para Bosi, *Casa Velha* apresenta-se como uma inovação perante a produção ficcional da primeira fase da obra de Machado de Assis devido à complexidade de Lalau.⁵ A singularidade de Lalau residiria na sua “independência moral”, porque, ao invés de se adaptar às dinâmicas sociais do sistema patriarcal, como realizado por outras personagens de Machado, ela optou pela “[...] união modesta com o filho de um criado da Casa Velha. O brio da moça, que ela própria chama de ‘vergonha’, é a mola responsável pelo desfecho original da novela” (BOSI, 2003, p. 56).

A partir dessa conclusão, Bosi expõe que os escritos ficcionais de Machado são fruto da intersecção de “dois modelos narrativos, o realista convencional e o realista estoico”, os quais evidenciam a tensão entre adaptação e resistência às dinâmicas da vida social (BOSI, 2003, p. 58). Essa tensão impossibilitaria a categorização da obra de Machado, pois a “intersecção adensa até o limite do enigma o sentido do olhar do autor, que é sempre um problema e requer sempre uma interpretação”. Assim, torna-se “problemática qualquer definição unitária e cortante da sua perspectiva” (BOSI, 2003, p. 58-59).

À análise de Bosi relativa às aporias inerentes à obra de Machado, é possível acrescentar a compreensão de que, se por um lado, o assombramento do passado impede a escrita da história do primeiro reinado em *Casa Velha* pelo padre-historiador; por outro, a execução de sua pesquisa corroeu a memória monumentalizada dos grandes homens e possibilitou a emergência e a imaginação de um futuro alternativo para Lalau fora da *Casa Velha*, efeito colateral da investigação.

⁵ Bosi se afasta da compreensão de Lucia Miguel Pereira, que vê em *Casa Velha* a repetição dos romances da primeira fase e a considera uma obra menor, lançando a hipótese de que foi escrita nos primeiros anos da carreira de Machado (PEREIRA, 1952, p. 7-26).

O caráter disruptivo de Lalau também se constitui em face da sua relação com a cultura afro-brasileira. Lalau é a única personagem a ter relação com o sineiro da capela da casa, “um preto velho e doido”. O padre não descreve Lalau como uma leitora de romances burgueses. O interesse de Lalau era ouvir as histórias do sineiro. Lalau protegia o velho das travessuras das crianças escravizadas. A sua repreensão às crianças após molestarem o sineiro demonstra o hábito da jovem de estar constantemente em meio aos escravizados. Inclusive, na sequência da cena, quando Félix chega, Lalau conversa com ele “[c]om as mãos no ombro do moleque”, o que indica a sua intimidade (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 110). Gesto semelhante foi feito por Félix, que não tinha receio de “pegar em um destes, e aproximá-lo de si, enquanto a moça ficou com o segundo” (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 109). A intimidade entre Félix e Lalau se constituía e fortalecia em meio às relações domésticas de intimidade com as crianças escravizadas.

Todo esse comportamento era vigiado por dona Antônia, que manifestava grande preocupação. Sua intenção era casar Félix com uma moça do mesmo estrato social. Lalau, ainda que educada por ela, era de uma classe inferior, estava constantemente em meio aos escravizados e uma das suas maiores diversões era ouvir as histórias do sineiro:

Naquela sala achamos Lalau e o sineiro, este sentado e ela de pé.

O sineiro era um preto velho e doido. Não fazia mais que tocar o sino da capela, para a missa, aos domingos. O resto do tempo vivia calado ou resmungando. Ninguém lhe falava, embora fosse manso. Lalau era a única, entre todos, parentes agregados ou fâmulos, que ia conversar com ele, interrogá-lo, pedir-lhe histórias. E ele contava-lhe histórias – muito compridas, sem sentido algumas, outras quase sem nexos, reminiscências vagas e embrulhadas, ou sugestões do delírio.

Era curioso vê-los. Lalau perdia a inquietação, ficava séria e tranquila, durante dez, quinze, vinte minutos, a escutá-lo. O Gira (nunca lhe conheci outro nome) alegrava-se ao vê-la. Com a razão, perdera a convivência dos mais. Vivia entregue aos pensamentos solitários, mergulhado na inconsciência e solidão. A moça representava aos olhos dele alguma coisa mais do que uma simples criatura, era a sociedade humana, e uma sombra de sombra da consciência antiga. Ela, que o sentia, dava-lhe essa curta emersão do abismo, e uma ou duas vezes da semana ia conversar com ele (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 92-93).

Essa análise sobre a relação ambivalente da produção de Machado com o conceito moderno de história não se inspira somente na leitura de Alfredo Bosi. Elias Palti contribuiu com o debate, ao explorar as interfaces entre a dissolução do sujeito autocentrado, do paradigma da representação realista e o conceito moderno de história nas obras de ficção de maturidade do autor. Para Palti, a obra de Machado de Assis é um enigma para os críticos porque o autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* não estrutura seus romances da segunda fase em uma narrativa de formação do sujeito (*Bildung*), podendo tais obras serem interpretadas como uma espécie de *Umbildung*, ou seja, uma fragmentação progressiva do *eu*, apesar de tomar esse horizonte estético e conceitual como contexto. Segundo Palti, a suspensão dos procedimentos miméticos por Machado leva inevitavelmente a uma revisão do conceito moderno de história, que ganharia elaborações estético-formais nas vanguardas do século XX. Assim sendo, Palti escreve:

em última análise, a narrativa de Machado de Assis ainda repousa num conceito evolutivo da história (parafraseando Kant, para o escritor brasileiro, um curso histórico evolutivo era vazio, mas um não evolutivo era cego, sem forma, inconcebível). Em última instância, somente no contexto desse conceito a erupção do antagonismo pode gerar o impasse em torno do qual gira a obra de Machado de Assis (a necessidade-impossibilidade simultânea de optar na vida). Isso o levou também a exaurir – sem, no entanto, ser capaz ainda de romper com ele – o potencial expressivo do conceito mimético tradicional. Encontramos aqui finalmente o aspecto que tornou sua figura tão perturbadora para os críticos, a saber, o fato de que *ele deslocou o gênero de dentro do próprio gênero*; o paradoxo de que ele abalou a lógica mesma em que toda sua narrativa se sustentava (PALTI, 2014, p. 283).

Palti entende que a produção ficcional de Machado é ativada pela tensão entre as suas inovações formais e o contexto imediato ao qual elas reagiram, isto é, à dinâmica linear-evolutiva inerente ao conceito moderno de história e suas formas tradicionais de representação. Nesse sentido, a obra de Machado não pode ser compreendida sem a análise da sua dimensão relacional e reativa com o conceito moderno de história.

A relação do próprio Machado com Capistrano de Abreu é instrutiva para a nossa imersão nessa dimensão ambivalente expressa pelo autor e sua obra. Em 23 de julho de 1880, Capistrano envia uma carta a Machado lamentando não ter sido possível encontrá-lo pessoalmente “para falarmos sobre o plano que na distribuição de fatos da *História do Brasil* me parece o mais próprio para tornar a narrativa uma” (ABREU, 2009, p. 175). O projeto historiográfico de Capistrano de Abreu visava atender

às demandas científicas de vanguarda e às dimensões poetológicas relativas à unidade da narrativa, que pressupunha a orientação pedagógica. Os conselhos de Machado eram tidos como fundamentais para Capistrano, que se propôs ir à casa do mestre para receber orientação em algum domingo. A proposta de Capistrano foi respondida com um amável convite: “Não digo se terei prazer em recebê-lo; sabe muito bem que sim; e, se duvida, ponha-me à prova” (MACHADO DE ASSIS, 2009, p. 179).

A carta seguinte de Capistrano a Machado foi enviada em 10 de janeiro de 1881. Na correspondência, Capistrano agradece o envio por Machado do novo livro, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cuja profundidade o historiador não conseguia decifrar. Capistrano relata que a sua impressão foi simultaneamente “deliciosa” e “triste” (ABREU, 2009, p. 188). Não sabia dizer ao fim se o livro era romance, desfastio humorístico ou dissertação moral, desorientação que ele também expressa em sua resenha para a *Gazeta de Notícias*, publicada em janeiro de 1881 (ABREU, 2004, p. 347-350). Capistrano afirma acreditar haver “uma intenção latente porém imanente em todos os devaneios, e não sei se conseguirei descobri-la”. A intuição de Capistrano foi “que tudo se resumia em um verso de Hamlet de que me não lembro agora [...], mas em que figura *the pale cast of thought*” (ABREU, 2009, p. 188), verso que se remete à meditação melancólica barroca (ROUANET, 2009, p. xxv). As dúvidas eram tantas que Capistrano desistiu de decifrar o mistério, ratificando: “*je jette ma langue aux chiens*” (ABREU, 2009, p. 188).

Capistrano encontrou em Machado, leitor da Revista do IHGB e de historiadores como Alexandre Herculano, Theodore Mommsen, Ernst Renan, João Francisco Lisboa, Pereira da Silva, Homem de Melo, Fernandes Pinheiro, Moreira de Azevedo e Joaquim Manuel de Macedo, tanto a orientação para a macronarrativa do seu projeto historiográfico irrealizado, quanto o assombramento provocado por uma obra que dificilmente poderia ser classificada dentro dos critérios analíticos legados pela tradição. Desse modo, Capistrano pode testemunhar como Machado era a confluência perturbadora da orientação e da crise. Capistrano desistiu da sua interpretação das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. O profícuo historiador também não concluiu o seu projeto de escrita da História do Brasil (GONTIJO, 2005). Atormentado pelo passado, Bento Santiago escreveu *Dom Casmurro* (1899) para exorcizar os seus fantasmas e posteriormente escrever a *História dos Subúrbios* (MACHADO DE ASSIS, 2015b). O padre-historiador de *Casa Velha* não legou ao futuro a sua História de Dom Pedro I, apesar de ter encerrado a pesquisa documental: “Não escrevi a história que esperava; a que de lá trouxe é esta” (MACHADO DE ASSIS, 1952, p. 66), ou seja, a história do seu assombramento dentro do arquivo.

O assombramento do passado em meio à experiência histórica e à ficção

Apesar de explorar a experiência da historicidade elaborada por Machado de Assis em *Casa Velha*, é importante ressaltar que a evocação do passado fantasmagórico abrange outros escritos. Em *Dom Casmurro* (1899), a performance de Bento Santiago apresenta-se imersa no assombramento do passado. A importância dessa obra para a cultura de história brasileira é incontornável, uma vez que ela impulsiona releituras literárias, televisivas, cinematográficas e julgamentos a respeito da culpa ou inocência de Capitu em escolas brasileiras até os dias de hoje. Santiago não era apenas advogado. Era um advogado com pretensões de ser historiador. Já no segundo capítulo de *Dom Casmurro*, *Do Livro*, afirma sua aspiração de escrever uma *História dos Subúrbios*, que fosse superior à obra do padre Luiz Gonçalves dos Santos, as *Memórias para Servir à História do Reino do Brasil* (1825). A obra do padre Perereca é compreendida como muito “seca” por Santiago, que planeja dar mais vivacidade à sua *História dos Subúrbios*. No entanto, apesar de “modesta”, a obra “exigia documentos e datas, como preliminares, tudo árido e longo” (MACHADO DE ASSIS, 2015b, p. 907).

Antes mesmo de escrever a obra, Santiago já iniciara o seu projeto de evocação do passado. Ele reconstruiu no Engenho Novo a casa em que viveu em sua infância na rua de Matacavalos, onde se inicia o romance com Capitu. Entretanto, mesmo com a reconstrução da casa, não foi capaz de encontrar a si mesmo, sendo atormentado pelas sombras do passado. Seguindo a interpretação de Helen Caldwell, Santiago reviverá os conflitos do passado, pois sua narrativa paranoica no presente de enunciação repete o descontrole emocional que teve durante toda a sua vida.⁶ O narrador-personagem se valerá da dualidade moral na qual predica ser ele, quando criança, puro e inocente, para convencer o leitor de que a sua esposa, uma jovem representada como sagaz e voluptuosa, cometeu adultério. Nesse sentido, ao se valer da dualidade entre o bem e mal, que opõe homem e mulher, abastados e agregados, Santiago procura convencer o seu leitor a respeito do adultério de Capitu com seu amigo Escobar, ao traçar a genealogia da infidelidade da sua esposa pobre e manipuladora. Dessa forma, Santiago pretende purgar sua consciência atormentada, como escreve Helen Caldwell: “Caso os leitores o julguem inocente, ele estará limpo aos seus próprios olhos, as inquietas sombras voltarão

⁶ Para um aprofundamento dos princípios norteadores da leitura de Helen Caldwell e as aporias de sua hipótese sobre *Dom Casmurro*, recomendo a leitura de Hélio Guimarães (2017).

a suas respectivas sepulturas e ele poderá se dedicar a seus escritos sérios (a já mencionada *História dos Subúrbios* e ensaios filosóficos) com a consciência tranquila” (CALDWELL, 2008, p. 99).

A presença perturbadora de *Dom Casmurro* na cultura de história brasileira emerge enredada à sua tensão com o conceito moderno de história, cuja consolidação não prescindiu das relações binárias e falocêntricas de gênero (OLIVEIRA, 2018, 2019). A dúvida insolúvel a respeito da traição ou não de Capitu impossibilita a emergência de uma teleologia de redenção. A resistência de Machado a essa teleologia de redenção futurista, fundada em uma concepção de tempo histórico linear e evolutivo, se manifesta não somente nos seus escritos de maturidade. Daniel Pinha analisa, a partir dos escritos de juventude de Machado sobre crítica literária, como o letrado se demonstra cético perante o conceito de progresso histórico linear e evolutivo, e as formas de representação românticas e realistas. Em oposição ao controle prescritivo da realidade, Pinha aborda como Machado procurou explorar de forma disruptiva a autonomia estética da obra de arte, constituída a partir da subversão da linearidade do tempo histórico (PINHA, 2012).

Tal ceticismo a respeito da tessitura de prognósticos futuristas e exorcização do passado se constitui, inclusive, perante as interpretações do legado deixado por D. Pedro I, tema explorado em *Casa Velha*. Na sua recensão crítica no *Diário do Rio de Janeiro* da obra de Francisco Ignácio Marcondes Homem de Melo (1837-1918), *A constituinte perante a história* (1863), que tematiza a partir de uma perspectiva liberal-moderada a importância dos trabalhos empreendidos pelos parlamentares na constituinte de 1823, dissolvida por D. Pedro I, Machado questiona de forma cética, mesmo perante o reconhecimento da obra do autor, se de fato seria possível a historicização do passado e sua superação, tendo em vista os efeitos deletérios das ações do primeiro imperador (MACHADO DE ASSIS, 2015c, p. 1040-1044). Ademais, era grande o ressentimento com relação à presença de D. Pedro I na cultura de história brasileira, tanto que Machado se posicionou criticamente à inauguração da sua estátua equestre, em 1862, nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro* (MACHADO DE ASSIS 2015a, p. 66-67). Em contrapartida, Machado se demonstrou favorável no mesmo jornal em 1865 ao culto cívico de Tiradentes como uma forma de reparação histórica, tendo em vista os assombramentos provocados pela repressão da Inconfidência Mineira no presente (MACHADO DE ASSIS, 2015d, p. 266-269).

Com efeito, da mesma forma que a obra de Machado assombra a experiência histórica brasileira, ao confrontar as expectativas de redenção futurista e a domesticação do passado, a presença fantasmagórica do seu corpo negro assombra os fundamentos de uma cultura de história que naturalizou o racismo institucional e normalizou a imagem

do maior autor de sua tradição literária como branco, como pode ser facilmente constado no documentário *Machado de Assis: a crônica e a história* (2008), dirigido por Antônio Carlos Fontoura, e no comercial a propósito dos 150 anos da Caixa Econômica Federal em 2011. Naturalização do autor branco que não aconteceu a despeito de toda uma tradição interpretativa complexa (WERNECK, 2008; GUIMARÃES, 2017), marcada tanto pelo ataque à presença do corpo negro quanto pelo seu ocultamento ou minimização (ROMERO, 1897; PEREIRA, 1936), perspectivas confrontadas contemporaneamente por estudiosos responsáveis por apontar para os imbricamentos entre o corpo e a produção literária (DUARTE, 2009; SCARPELLI, 2008; VITAL, 2012; SILVA, 2014; SANTIAGO, 2016; SCHNEIDER, 2018; PINTO, 2018), inescapável para o nosso contexto de consolidação das reflexões teóricas pós-coloniais e decoloniais (FANON, 2008; MBEMBE, 2017; OLIVEIRA, 2018, 2019).

Desse modo, os assombramentos provocados pela obra de Machado e a presença/ausência de seu corpo na cultura de história não podem passar ao largo das reflexões sobre a emergência e a consolidação do conceito moderno de história no Brasil e a sua atuação hierarquizadora no que tange a formas de elaboração da historicidade, de corpos e afetos. Em meio a essa dinâmica excludente de compreensão hegemônica de historicidade, Machado não prescindiu da sua poética melancólica, irônica e cética, que tornaram possíveis de forma ambivalente tanto a sua canonização institucional em vida, quanto o tensionamento dos valores da cultura de história moderna, cuja celebração dos indivíduos não se dá a despeito da sua adequação normativa a critérios de raça, classe e gênero.

REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano de. Cartas 177 e 185. *In*: MACHADO DE ASSIS. **Correspondência de Machado de Assis**: tomo II, 1870-1889. Coordenação e orientação Sergio Paulo Rouanet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009. p. 175-176, p. 188.

ABREU, Capistrano de. Letras e Livros. *In*: GUIMARÃES, Hélio. **Os leitores de Machado de Assis**: O romance Machadiano e o público de literatura no século XIX. São Paulo: EDUSP, 2004. p. 347-350.

ANKERSMIT, Frank. **Sublime Historical Experience**. Stanford: Stanford University Press, 2005.

ARAUJO, Valdei. **A Experiência do Tempo**: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845). São Paulo: Hucitec, 2008.

ARAUJO, Valdei. Cairu e a emergência da consciência historiográfica no Brasil (1808-1830). In: NEVES, Lucia *et al.* (org.). **Estudos de historiografia brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 75-92.

ARAUJO, Valdei. Formas de ler e aprender com a História no Brasil joanino. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 22, p. 85-98, 2009. Disponível em: <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/101>. Acesso em: 16 abr. 2021.

ARAUJO, Valdei. História da Historiografia como analítica da historicidade. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 6, n. 12, p. 34-44, ago. 2013. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/620>. Acesso em: 16 abr. 2021.

ARAUJO, Valdei. Historiografia, nação e os regimes de autonomia na vida letrada no Império do Brasil. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 31, n. 56, p. 365-400, maio/ago. 2015.

ARAUJO, Valdei; CEZAR, Temístocles. The forms of History in the nineteenth century: essay on Regimes of Autonomy in Brazil, **Historein**, Atenas, v. 17, n. 1, 2018. Disponível em: <https://ejournals.epublishing.ekt.gr/index.php/historein/article/view/8812>. Acesso em: 16 abr. 2021.

ARAUJO, Valdei; PEREIRA, Mateus. **Atualismo 1.0**: Como a ideia de atualização mudou o século XXI. Mariana: SBTHH, 2018.

AVILA, Arthur; NICOLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo. **A História (In)disciplinada**: Teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico. Vitória: Milfontes, 2019.

BERNARDO, Gustavo. O paradoxo cético em Machado de Assis. In: ROCHA, João Cezar de Castro. **Machado de Assis**: lido e relido. São Paulo: Alameda, 2016. p. 205-229.

BERNARDO, Gustavo. **O problema do realismo de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BEVERNAGE, Berber. **História, memória e violência de Estado**: tempo e justiça. Tradução: André Ramos; Guilherme Bianchi. Serra: Milfontes/Mariana: SBTHH, 2018.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis**: o enigma do olhar. São Paulo: Ática, 2003.

CALDWELL, Helen. **O Otelô Brasileiro de Machado de Assis**: um estudo de *Dom Casmurro*. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

CAMPOS, Raquel. **Entre ilustres e anônimos**: a concepção de história em Machado de Assis. Chapecó/SC: Argos, 2016.

CEZAR, Temístocles. **Ser historiador no século XIX**: o caso Varnhagen. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx**. O Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Machado de Assis afro-descendente**: escritos de caramujo (antologia). Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálidas, 2009.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

GLEDSON, John. **Machado de Assis**: ficção e história. 2º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GONTIJO, Rebeca. História e historiografia nas cartas de Capistrano de Abreu. **História**, São Paulo, v. 24, n. 2, p.159-185, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/his/v24n2/a07v24n2.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2021.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Atmosphere, mood, Stimmung**: on a hidden potential of literature. Stanford: Stanford University Press, 2012.

GUIMARÃES, Hélio. **Machado de Assis, o escritor que nos lê**: As figuras machadianas através da crítica e das polêmicas. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal Guimarães. Debaixo da imediata proteção de sua majestade imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). **RIHGB**, Rio de Janeiro, ano 156, n. 388, jul./set. 1995.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Historiografia e nação no Brasil (1838-1857)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

JINZENJI, Mônica. **Cultura impressa e educação da mulher no século XIX**: lições de política e moral no periódico mineiro mentor das brasileiras (1829-1832). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

KLEINBERG, Ethan. **Haunting History**: for a deconstructive approach to the past. Stanford: Stanford University Press, 2017.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-RJ, 2006.

LACAPRA, Dominick. **Writing History, writing trauma**. Baltimore: John Hopkins University Press, 2014.

LYNCH, Christian. **Monarquia sem Despotismo e Liberdade sem Anarquia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MACHADO DE ASSIS. A Constituinte perante a história, pelo sr. Homem de Mello./ Sombras e Luz, do sr. B. Pinheiro. *In*: MACHADO DE ASSIS. **Machado de Assis**: Obra completa em quatro volumes. Vol. III. LEITE, Aluizio *et al.* (org.). São Paulo: Nova Aguilar, 2015c [1863]. p. 1040-1044.

MACHADO DE ASSIS. Ao Acaso. *In*: MACHADO DE ASSIS. **Machado de Assis**: Obra completa em quatro volumes. Vol. III. LEITE, Aluizio *et al.* (org.). São Paulo: Nova Aguilar, 2015d [1865]. p. 266-269.

MACHADO DE ASSIS. **Casa Velha**. Introdução de Lúcia Miguel Pereira e Ilustrações de Santa Rosa. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1952.

MACHADO DE ASSIS. Comentários da Semana. *In*: MACHADO DE ASSIS. **Machado de Assis**: Obra completa em quatro volumes. Vol. III. LEITE, Aluizio *et al.* (org.). São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2015a [1862]. p. 66-67.

MACHADO DE ASSIS. **Correspondência de Machado de Assis**: tomo II, 1870-1889. Coordenação e orientação Sergio Paulo Rouanet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

MACHADO DE ASSIS. Dom Casmurro. *In*: MACHADO DE ASSIS. **Machado de Assis**: Obra completa em quatro volumes. VoI. I LEITE, Aluizio *et al.* (org.). São Paulo: Nova Aguilar, 2015b.

MASSA, Jean-Michel. A biblioteca de Machado de Assis. *In*: JOBIM, José Luís. **A Biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: ABL, 2001. p. 21-90.

MBEMBE, Achille. **Critique of Black Reason**. Durham: Duke University Press, 2017.

OLIVEIRA, Maria da Glória. **Escrever vidas, narrar a história**: a biografia como problema historiográfico no Brasil Oitocentista. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 11, n. 28, p. 104-140, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1414>. Acesso em: 16 abr. 2021.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. A história disciplinada e seus outros: reflexões sobre as (in)utilidades de uma categoria. *In*: NICOLAZZI, Fernando; AVILA, Arthur; TURIN, Rodrigo. **A História (In)disciplinada**: Teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico. Vitória: Milfontes, 2019. p. 53-71.

PALTI, Elias. O espelho vazio: representação, subjetividade e história em Machado de Assis. **Estudios de Teoría Literaria**, Mar del Plata, ano 3, n. 5, p. 251-286, 2014. Disponível em: <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/etl/article/view/854>. Acesso em: 16 abr. 2021.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Prefácio. *In*: MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Casa Velha**. Introdução de Lúcia Miguel Pereira e Ilustrações de Santa Rosa. São Paulo: Livraria Martins Editora S.A., 1952. p. 7-26.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis**: Estudo Crítico e Biográfico. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

PHILLIPS, Mark. **Society and Sentiment**: genres of historical writing in Britain, 1740 – 1820. Princeton: Princeton University Press, 1997.

PIMENTA, João Paulo *et al.* Independência e uma cultura de história do Brasil. **Almanack**, Guarulhos, n. 8, p. 5-36, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/alm/n8/2236-4633-alm-08-00005.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2021.

PINHA, Daniel. **Apropriação e recusa**: Machado de Assis e o debate sobre a modernidade brasileira na década de 1870. 2012. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura – Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21587/21587.PDF>. Acesso em: 16 abr. 2021.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Escritos de Liberdade**: Literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.

RANGEL, Marcelo. **Da ternura com o passado**: História e pensamento histórico na filosofia contemporânea. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

RANGEL, Marcelo. **Poesia, história e economia política nos Suspiros Poéticos e Saudades e na Revista Niterói**. 2011. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura – Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18523/18523_1.PDF. Acesso em: 16 abr. 2021.

ROAUNET, Sergio Paulo. Apresentação. *In*: ROAUNET, Sergio Paulo. **Correspondência de Machado de Assis**: tomo II, 1870-1889. Coordenação e orientação Sergio Paulo Rouanet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009. p. VII-XXIX.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Machado de Assis**: por uma poética da emulação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

ROCHA, João Cezar de Castro. Machado de Assis, leitor (autor) da Revista do IHGB. *In*: JOBIM, José Luís. **A Biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001. p. 317-334.

ROMERO, Silvio. **Machado de Assis**: estudo comparativo de literatura brasileira. Rio de Janeiro: Laemmert & C. – Editores, 1897.

ROSA, Giorgio. **A Suprema Causa Motora**: o providencialismo e a escrita da História no Brasil (1808-1825). 2011. Dissertação (Dissertação em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2011.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**: a história, o presente, o contemporâneo. Tradução de Fernando Coelho e Fabrício Coelho. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

RUNIA, Eelco. **Moved by the Past**: discontinuity and historical mutation. New York: Columbia University Press, 2014.

SALOMON, Marlon. **Heterocronias**: estudos sobre as multiplicidades dos tempos históricos. Goiânia: Edições Ricochete, 2018.

SANTIAGO, Silviano. **Machado**: romance. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SCARPELLI, Marli. Machado de Assis: entre o preconceito, a abolição e a canonização. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 23, p. 55-73, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27886>. Acesso em: 16 abr. 2021.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. Machado de Assis e Silvio Romero: escravismo, “raça” e cientificismo em tempos de campanha abolicionista (década de 1880). **Almanack**, Guarulhos, n. 18, p. 451-488, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/alm/n18/2236-4633-alm-18-451.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2021.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as Batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

SCHWARZ, Roberto. **Um Mestre na Periferia do Capitalismo**: Machado de Assis. 3. ed. São Paulo; Ed. 34, 1997.

SILVA, Bruno Diniz. **Da Restauração à Regeneração**: Linguagens políticas em José da Silva Lisboa (1808-1830). 2010. Dissertação (Dissertação em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2010.

SILVA, Teresinha. Machado de Assis e o mulato de “alma grega”. **Machado de Assis em linha**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 229-239, jun./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/mael/v7n14/1983-6821-mael-7-14-00229.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2021.

SILVA, Weder. **O Labirinto Imperial**: Teófilo Ottoni, a imprensa política e a questão do herói nacional no Brasil do século XIX (1807-1869). 2014. Tese (Tese em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de História da UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

TURIN, Rodrigo. **Tempos precários**: aceleração, historicidade e semântica neoliberal. 1. ed. Dansk: Zazie Edições, 2019.

TURIN, Rodrigo. **Tessituras do tempo**: discurso etnográfico e historicidade no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

VARELLA, Flávia Florentino. **Da Impossibilidade de se aprender com o passado**: sentimento, comércio e escrita da História na História do Brasil de John Armitage. 2011. Dissertação (Dissertação em História) Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-08092011-110830/pt-br.php>. Acesso em: 16 abr. 2021.

VITAL, Selma. **Quase brancos, quase pretos**: representação étnico-racial no conto machadiano. São Paulo: Intermeios, 2012.

WERNECK, Maria Helena. **O Homem Encadernado**: Machado de Assis na Escrita das Biografias. 3. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

BIOGRAFIA PROFISSIONAL

André da Silva Ramos é professor de Teoria da História e História da Historiografia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Unidade Carangola. Doutor em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Realizou estágios de pesquisa na Universidade de Lisboa, na Stanford University e na Wesleyan University. Teve pesquisas financiadas pela Capes, Cátedra Jaime Cortesão da Universidade de São Paulo (USP) e Fulbright. É autor do livro *Robert Southey e a experiência da história: conceitos, linguagens, narrativas e metáforas cosmopolitas* (2019), publicado pela parceria entre a Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia (SBTHH) e a editora Milfontes.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Praça dos Estudantes, 23, Santa Emília, Carangola, MG, CEP 36.800-000, Brasil.

FINANCIAMENTO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)/Fulbright

AGRADECIMENTO

Agradeço aos professores Valdei de Araujo, Marcelo Rangel, Hans Gumbrecht, Ethan Kleinberg, Daniel Pinha, Maria da Glória de Oliveira e Thamara Rodrigues por terem sido os principais interlocutores desta pesquisa.

CONFLITO DE INTERESSE

Nenhum conflito de interesse declarado.

APROVAÇÃO EM COMITÊ DE ÉTICA

Não se aplica.

MODALIDADE DE AVALIAÇÃO

Duplo-cega por pares.

PUBLICAÇÃO PRÉVIA

O artigo deriva da tese "Machado de Assis e a experiência da história: climas e espectralidade", orientada por Valdei Lopes de Araujo, na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Programa de Pós-Graduação em História, defendida no ano de 2018. Link: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/10780>.

EDITORES RESPONSÁVEIS

Alexandre Avelar – Editor convidado
Breno Mendes – Editor Executivo
Lidiane Soares Rodrigues – Editora convidada
María Inés Mudrovcic – Editora convidada

DIREITOS AUTORAIS

Copyright (c) 2021 André da Silva Ramos.

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

HISTÓRICO DE AVALIAÇÃO

Recebido em: 26 de agosto de 2020.

Alterado em: 22 de abril de 2021.

Aprovado em: 26 de abril de 2021.